



Um sonho individual é apenas um sonho, mas um sonho compartilhado é o princípio de grandes realizações

O Museu do Café nasceu de um sonho que o Duda Carvalhaes soube compartilhar em seus primórdios. Outros líderes sonhadores, todos ligados ao café, surgiram: Guilherme Braga Pires, Linneu da Costa Lima, Luiz Hafers, e hoje Roberto Ticoulat, que exerceram a presidência do Museu e do Conselho de Administração, além de tantos outros que não menciono para não correr o risco de omissão. O sonho e os desafios se ampliaram com a integração do Museu da Imigração,

os dois museus são hoje instituições dinâmicas que, entretanto, carecem de maior apoio financeiro para ampliar sua relevância na cena cultural brasileira e repercutir o impacto crucial que tanto o café quanto a imigração tiveram na formação social, econômica e cultural do nosso país.

O artigo “Um setentão livre de dívidas”, sobre o Museu da Arte de São Paulo, MASP, publicado pelo Valor Econômico, indica que há espaço para um compartilhamento mais agres-

sivo do sonho dos Museus do Café e da Imigração. Melhor museu de arte da América Latina e talvez do hemisfério sul, o MASP tem hoje cerca de um quinto de seu orçamento proveniente de doações de pessoas físicas. Foi criando recentemente e mantendo uma estrutura de conselheiros nacionais e internacionais, de patronos e um colegiado de jovens, que contribuem com valores diferentes e cujas doações se somam às das empresas, que a administração do MASP deu um passo fundamental para o

equilíbrio de suas contas, sempre de acordo com o artigo.

Mantidas as devidas proporções, será que os Museus do Café e da Imigração não podem utilizar estratégia semelhante? Estes dois museus não tem o mesmo apelo do MASP mas certamente tem atrativos próprios e muito especiais para embarcar num esforço análogo, capitalizando na perpetuação de nomes de pessoas, na publicidade de empresas e na divulgação de ambos como mantenedores das respectivas instituições.

No caso do Museu do Café, há muitas personalidades locais, regionais, nacionais e mesmo internacionais que poderão se orgulhar de associar seu nome ao museu em diferentes categorias de patrocínio. Isto pode criar um círculo virtuoso em que mais doadores aceleram o desenvolvimento do museu que, por sua vez se torna mais atraente, para este tipo de patrocínio. Por outro lado, o porto de Santos e por extensão o museu ocupam um lugar único na história e vida das principais empresas nacionais e internacionais de café que podem ser bastante receptivas a um pacote de benefícios ligados à visibilidade e responsabilidade social tão em voga hoje. Estas empresas não estão limitadas aos traders de café mas incluem indústrias de torrefação e solúvel, redes de casas de café e também produtores, principalmente os grandes. E por que não incluir amantes do café nesta lista de potenciais mantenedores?

Esta estratégia pode ter alcance ainda mais amplo no caso do Museu da Imigração, com a identificação de expoentes da cena paulista e brasileira cujos pais ou avós foram imigrantes – muitos! – e podem

ou não ter passado pela antiga Hospedaria do Imigrante que hoje abriga o museu. Neste caso, o apelo afetivo e emocional, pode ser ainda mais forte e se estender às empresas que os próprios imigrantes ou seus descendentes criaram, muitas das quais ocupam posição de destaque na economia nacional.

Para quem não acredita no incrível potencial de se compartilhar sonhos, deixo aqui dois exemplos muito próximos de todos nós. Primeiro, o caso da Pinhalense, com cujos fundadores e depois seus sucessores vivi o sonho compartilhado de buscar o mercado internacional, com o resultado de hoje vender a 92 países, nos 5 continentes e ser líder mundial incontestemente na área de equipamentos para rebenefício de café. O outro exemplo, que data da época em que pela primeira vez usei a frase que dá título a este artigo, foi o caso do Café do Cerrado. Nossa empresa P&A assessorou o grupo de cafeicultores então liderados pelo Aguinaldo José de Lima na criação da primeira estratégia de desenvolvimento e internacionalização dos cafés da região. Um grande sonho compartilhado que hoje é história.

Os Museus do Café e da Imigração cada vez mais vêm compartilhando seus sonhos, de forma ampla, no âmbito estadual, nacional e internacional, buscando realizações maiores, que extrapolem o já importante papel que ocupam no cenário cultural. Mas a realização de sonhos não ocorre por acaso e exige estruturas, estratégias e ações, além do seu primordial compartilhamento, que são mais fortes quando sem grandes parceiros e apoiadores. Mãos à obra! ☺



Museu do Café



Museu da Imigração

CRÉDITOS: MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Carlos Henrique Jorge Brando, é vice-presidente do Conselho de Administração do Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração (INCI), antiga Associação dos Amigos do Museu do Café (AAMC) e sócio da P&A

